Ano XXII — Lisboa, Dezembro de 1966 — N.º 260

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

O ENCANTO DO NATAL

Pode ser considerado lugar comum falar-se do encanto do Natal. Todavia, há que reconhecê-lo, nesta época desenvolve-se um ambiente de tão inefáveis solicitações que quase se torna impossível deixarmos de ser tocados por essa atmosfera de cordialidade.

Porquê esse encantamento? Será através das contínuas manifestações de solidariedade em que as relações humanas, neste lapso de tempo, são exuberantes? As iniciativas de carácter beneficente têm agora o momento oportuno para o seu despertar. Nunca, como nestes dias, desabrocha tão francamente o interesse pelo próximo, representado em mil e uma demonstrações. Pois se até o muro de Berlim se deixa trespassar por esta torrente de afectividade e na guerra do Vietname se assiste a uma trégua há tanto tempo desejada e solicitada!

Estará o encanto do Natal, por outro lado, no facto de encontrar a sua maior audiência no mundo da criança, com as naturais motivações de entusiasmo e candura que os seus protagonistas lhe imprimem? Talvez.

Residirá esse encanto na beleza da árvore iluminada, no Pai-Natal, na graça do presépio com o Menino nas palhas, no enlevo da maternidade, no bucolismo dos animais, no halo fabuloso outorgado pela presença dos misteriosos Reis do Oriente?

Pode ser que cada um destes factores forneçam uma achega para tornar evidente a simpatia da data. No entanto, talvez seja de admitir que o encanto que se pressente tenha o seu fundamento na esperança e na certeza, as mais salientes impressões que esta época excepcional nos produzem. É a esperança na vinda do Messias, mantida inalterável através dos séculos, esperança feita realidade na era presente. É a certeza, mas a certeza na redenção que se processa dia a dia e que se oferece ao Homem como uma mão generosa e poderosa a que se pode recorrer, mesmo no dia do desengano das vaidades e da ganância do Homem.

É este pensamento, que envolve uma ideia de protecção, cordialidade, paz, abrigo e fraternidade, que produz, talvez, o mais consistente encanto do Natal. É sob tão inefáveis sentimentos que queremos exprimir votos sinceros de muita paz e felicidade neste Natal de 1966, votos que endereçamos a todos os Amigos que, à nossa volta, temos o privilégio de ver reunidos.

EDIFICANDO O FUTURO

Saudável indício de vitalidade é dado por aquelas pessoas que, em despeito do curso dos anos, sempre se mostram animadas a meter ombros a qualquer iniciativa, seja ela a mais complexa ou a de mais demorada execução. Nem o peso dos anos, nem a contrariedade da falta de saúde são motivos suficientes para lhes empanar o entusiasmo ou afrouxar a aplicação com que se entregam à sua actividade. Demonstram, com este procedimento, que os não preocupava sobremaneira a probabilidade de não virem a ser os usufrutuários da obra a que estão dando realidade.

Numa época em que o materialismo se exprime nos termos mais vãos e grosseiros, parece já não ter qualquer cabimento pensar-se em construir algo de que não se possa retirar imediato lucro. Está, assim, feito o convite para se dar audiência apenas ao que é fútil ou passageiro, funcional ou transitório. Que outros se preocupem com essas ninharias onde não se vê próxima utilidade, que nós continuaremos a dar atenção ùnicamente aos negócios que nos dizem respeito, é o que parece depreender-se das reacções de certas camadas, quando colocadas perante os problemas que marcam a nossa época.

Não é defensável, contudo, este procedimento. Há que criar aspirações mais elevadas, há que estimular o interesse não só pelas realizações que representem benefícios para o instante que passa, mas também por toda a actividade cuja influência benfazeja venha a repercutir-se no futuro, como uma mensagem ou herança que deixamos a quem vier depois de nós.

Não se concebe um programa de educação onde não estejam previstas as matérias que incentivem o culto e o gosto pelos valores espirituais que, ao longo dos séculos, inspiraram e engrandeceram a vida do homem. Ensinar a amar é a mais sublime tarefa do educador, mas ensinar a amar não sòmente aquilo que diz respeito ao nosso eu ou nos está ligado pelos laços da vida. É indispensável que se ensine a amar tudo quanto pressuponha uma conquista da Humanidade, uma vitória na luta contra o efémero, contra o comezinho, contra o limitado. Ensinar a amar as maravilhas da ciência, da arte, da técnica, do pensamento. Enfim, ensinar a amar a vida, ensinar a amar, na Criação, o Obreiro de tão esplendorosas realizações.

É óbvio que este preito de admiração implica o reconhecimento dos valores perenes, que não podem estar espartilhados nos estreitos limites da existência humana, valores que, muitas vezes, só podem ser enxergados na riqueza de toda a sua perspectiva à custa de serem retemperados pelo dobar dos anos. Por exemplo, quando temos ensejo de caminhar entre as sombras das alamedas, nas cálidas tardes estivais, deveríamos pensar que o gozo desse simples prazer só é possível

Continua na pág. 7

Posto de observação

Paz

As montras de brinquedos são locais obrigatórios da minha devoção, perante as quais quedo embevecido como se voltasse a ser criança.

Todavia, no meio dessa admiração infantil, um pensamento triste atormenta o meu cérebro adulto: Porque será que os homens se empenham em fornecer ao Menino Jesus tantas pistolas, espingardas e canhões, se ele só deseja «PAZ NA TERRA ENTRE OS HOMENS»?

Em alguns países desenvolvem-se largas campanhas contra os brinquedos que forneçam ideias bélicas às crianças. Na Alemanha, uma das mais importantes feiras de brinquedos do

Continua na pág. 7

Valorização dos dirigentes

Da página «Escotismo» do jornal «Novidades», transcrevemos com a devida vénia, os seguintes passos do artigo, assinado pelo sr. Padre João Ferreira, com o título em epígrafe:

Certas críticas ao Encontro Nacional de Dirigentes revelaram-nos que não passou despercebido o notável desnível cultural existente no quadro dos nossos chefes.

Desde o licenciado à simples 4.ª classe de instrução primária, encontramos de tudo no nosso efectivo e, por vezes, sem qualquer distinção nas funções que exercem.

Assim, reunindo, por exemplo, os chefes de Grupo, ou os chefes de Alcateia, encontramos, em funções idênticas quanto ao nível hierárquico, dirigentes cuja preparação intelectual e representação social são marcadamente diferenciadas numa escada demasiadamente larga.

Não é difícil encontrar, em tal facto, motivos válidos de apreço pelo espírito que informa um Movimento em que é possível que tal aconteça. Há de facto um factor comum que a todos une no mesmo ideal, ligados pela mesma Promessa, de servir leal e generosamente a Deus, a Pátria e o próximo, neste caso, concretamente a nossa juventude.

Todavia, quando se pensa que um chefe é, pela missão recebida, um educador e podendo as nossas unidades receber rapazes de todas as camadas sociais e também culturalmente diferenciados, não deixa de constituir um problema o desnível apontado.

Seria, porém, um erro grave concluirmos que todos os dirigentes deveriam ser recrutados só entre aqueles que se distinguissem pela sua preparação intelectual.

Na verdade, se a educação exige certos conhecimentos (não me atrevo a chamar-lhe técnicas) a verdade é que ela é fundamentalmente um elo do amor. E aquilo que vulgarmente se chama *intuição* para educar não é mais do que especial disposição para saber amar, no sentido mais perfeito do termo. Quando um chefe se dedica, *amando e servindo a Deus* nos seus rapazes, a obra de educação processa-se quase com a simplicidade com que cresce a árvore plantada em bom terreno.

A experiência confirma-nos que não é preciso possuir uma cultura vasta para se ser bom educador, mas também não podemos esquecer que a preparação intelectual é um valor da maior importância, quando o educador tem as outras qualidades fundamentais.

.....

Tenho razões para esperar que um programa aparentemente indefinido, por ser demasiadamente vasto, ou talvez, um pouco abstracto, venha a ser ocasião dum enriquecimento notável para todos os dirigentes que se dispuserem a reflectir sobre ele.

.....

Que o desnível dos nossos dirigentes seja entusiàsticamente compensado por um maior sentido apostólico e por um mais perfeito domínio de técnica por parte de todos.

PADRE JOÃO FERREIRA

FILATELIA

Erros em selos escoteiros portugueses

A descoberta de erros de impressão em selos escoteiros portugueses emitidos em 1962, veio aumentar o interesse filatélico por esta série.

Segundo lemos no «Boletim do Clube Filatélico de Portugal», foram encontrados erros em selos de $20 e de $50. Os selos desta série, embora muitos catálogos os indiquem como polícromos, foram todavia impressos em quatro cores. Os selos de $20 têm as cores cinzento, bistre, amarelo e preto. Foram descobertos dois selos desta taxa em que as palavras 18.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO ESCUTISMO 1961, e também os pontos que as separam, são impressas duas vezes.

A segunda impressão, tão nítida como a primeira, é deslocada cerca de 0,3 mm., para a direita. A sombra, cinzento escuro, da flor de lis no centro do desenho, tem também uma dupla impressão, apresentando aquele uma distinta diferença do selo normal, fàcilmente verificável ao primeiro olhar.

O citado «Boletim», que dá amplas informações sobre esta curiosidade, informa ainda que a descoberta das duas duplas impressões foi feita num lote de selos comprado fora de Portugal, na Europa.

Também do selo de $50, o mesmo Boletim dá notícia do sr. Francisco dos Santos Leal Vaz, aluno do Seminário da Guarda, ter em seu poder um selo ao qual falta a inscrição 18.ª Conferência Internacional de Escutismo 1961. É de supor que tenha existido uma folha de $50 selos com este erro, portanto, a missão de uma das cores.

O selo referido foi expedido de Lisboa 2 ou 1 e encontra-se em perfeito estado.

Porque esta coluna de «Sempre Pronto» se destina a filatelistas principiantes, desejamos esclarecer que o interesse por estas raridades filatélicas é muito grande, dado que as folhas de selos, depois de impressas, são sujeitas a rigorosa inspecção, sendo muito difícil passar à revisão qualquer erro. Os selos da emissão escoteira foram executados em *off-set* na Casa da Moeda.

Os 50 anos de vida literária de Ferreira de Castro

Não podia este jornal ficar indiferente ante o movimento que está em curso para consagrar o jubileu literário de um grande escritor português — Ferreira de Castro.

Foi em 1916 que se publicou, no Brasil, o seu primeiro livro, «Criminoso por Ambição», *obra que, todavia, não tem nenhum outro significado na carreira do eminente homem de letras, visto que, só mais tarde, essa carreira viria a atingir a sua verdadeira compleição, mercê do aparecimento dos livros que constituem justo motivo de orgulho da nossa Literatura.*

Homem de uma só fé, de invulgar coragem moral, Ferreira de Castro, em despeito das homenagens que lhe estão sendo prestadas não só aqui, em Portugal, e no Brasil, mas também em países onde tais honrarias são apenas dirigidas a escritores de real merecimento, Ferreira de Castro, dizíamos, mantém-se inalterável num espírito de cativante humildade, índice da têmpera de um homem que encontrou no povo o motivo da sua obra.

Não é de admirar a consagração de um escritor que nos ofereceu e oferece páginas de primoroso recorte, de prosa vigorosa, de cunho efectivamente universal.

Embora ciente da sua condição de jornal de modestas proporções, «Sempre Pronto» não quer deixar de se associar a tão justa comemoração.

Uma Exposição Escoteira na Póvoa de Varzim

No dia 8 do corrente, foi inaugurada na Póvoa de Varzim, uma interessante exposição escoteira, promovida e organizada pelo Núcleo Cego de Maio, do Corpo Nacional de Escutas.

A exposição ocupa três salas. A primeira está dedicada à *História do Escotismo* e nela se vêem fotografias, revistas, recortes de jornais, livros e diversas recordações.

Na segunda, refere-se à presença do *Núcleo no Ultramar* e exibe recordações da luta que ali se trava, bem como outras respeitantes à participação na *Defesa Civil do Território.*

A terceira é dedicada a trabalhos de *Pionerismo e Campismo* e apresenta, além de material de campo, trabalhos de corda, madeira e desenhos.

A exposição foi muito visitada e mereceu boas referências a todos que percorreram as suas salas.

Homenagem à memória do Dr. Manuel Marques da Mata

Conforme anunciámos, realizou-se em Sesimbra, no Domingo, dia 11 do corrente, a romagem dos antigos escoteiros do Grupo n.º 16, de Carcavelos ao túmulo do seu saudoso e dedicado Presidente, o Dr. Manuel Marques da Mata, que foi médico muito estimado.

Os antigos escoteiros reuniram-se em Lisboa no acesso à Ponte e dirigiram-se de automóvel ao cemitério daquela localidade, tendo tomado parte na homenagem os srs. Álvaro Gonçalves, Eng.º António F. Severino Pinto, António Viegas Custódio, Arnaldo Nunes, Dr. Carlos Moreira Rato, Dinis Madaleno, Emídio Almeida, Ernesto Rola, Francisco Moreira, locutor Jorge Alves, Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Jorge Rola, Fernando Rola, José Oliveira Vieira, Pompílio Moura, Rui Coelho e Wolfgang Karl. O Grupo 16 estava representado pelos srs. W. Karl, da Direcção; e Viegas Custódio, bem como por dois escoteiros e um lobito uniformizados.

A entrada do cemitério, aguardavam os antigos escoteiros membros da família do homenageado, particularmente seu irmão sr. José Pedro Marques da Mata. Na campa, foi colocada uma lápida com a inscrição: *Homenagem dos antigos escoteiros de Carcavelos ao saudoso amigo Dr. M. Marques da Mata — Dezembro de 1966.*



Junto do túmulo do sr. Dr. Marques Mata, os antigos escoteiros do Grupo 16, de Carcavelos, prestam homenagem ao dedicado Presidente daquela célebre unidade escotista.

(Foto W. Karl)

No momento do descerramento da lápida, falaram os srs. Eng.º Jorge Brotas Cardoso e Ernesto Rola que evocaram a amizade do Dr. Marques da Mata, a contribuição que o mesmo deu para a formação de tantos escoteiros que passaram pelas fileiras do Grupo, o seu interesse pelo Escotismo e o estímulo dado para que se efectuassem actividades que marcaram posição de relevo no meio social.

Em sentido recolhimento, todos os presentes guardaram depois momentos de silêncio em homenagem ao seu amigo e dedicado presidente.

ASSINANTES PATROCINADORES

Continuamos a receber expressivas demonstrações de apreço por «Sempre Pronto», que se traduzem quase sempre pela adesão à categoria de PATROCINADOR.

O nosso dedicado amigo Sr. José Luís Carreiro, de Ponta Delgada, teve a bondade de nos enviar 50$00 para liquidação de sua assinatura.

O nosso antigo e dedicado assinante Sr. José E. Clington Martins, antigo escoteiro, quis ter a bondade de nos remeter a oferta de 50$00 para auxílio das despesas do jornal.

O Sr. Francisco do Nascimento Pina, assinante dedicado, que nos acompanha desde o primeiro número, informou-nos que a sua assinatura anual de patrocínio é de 100$00, tendo liquidado dois anos.

A todos estes nossos bons amigos apresentamos os nossos agradecimentos.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Saudação do Presidente da Fraternal, por ocasião da Festa de Fim de Ano

Excelentíssimos Senhores, estimados companheiros:

Chegámos ao termo desta modesta festa, despretensiosa mas de verdadeiro cunho escotista, à qual todos os presentes quiseram dar o maior relevo e beleza espiritual, que sempre desejamos dar a tudo que se relacione com o prestígio escotista, em especial as senhoras, que usaram mais uma vez o seu carinho e apreço pelo nosso trabalho.

Em nome da nossa Fraternal, o profundo agradecimento por este testemunho de boa vontade e preciosa participação.

Queríamos ver aqui também reunidos os companheiros tão separados por incompreensões ou melindres; mas infelizmente não conseguimos evitar esse terrível flagelo associativo que nem o escotismo consegue eliminar.

Recordamos os nossos amigos de sempre, impedidos, pelos anos e fortes razões da sua vida, de nos darem o prazer da sua presença e de seus familiares.

Tudo vai tendo o seu fim!

Penso que cada vez mais se impõe a tarefa de trazer ao nosso convívio novas energias; é preciso que se acabe com o mito de uma Fraternal de velhotes; esta geração está em franco desgaste e, se não houver continuidade, perde-se o pouco que se tem feito e um baluarte de considerável importância para a existência do método educativo no nosso país que, depois de tantas dificuldades, ainda se mantém com os seus 54 anos e conta no mundo com a bonita soma de 10 000 000 de alistados.

A propósito: o novo companheiro sr. Gustavo P. Costa, recentemente inscrito na nossa Fraternal, antigo escoteiro do grupo n.º 3 (Liceu de Pedro Nunes) e distinto nadador da velha guarda, contou-me que todos os anos se realiza um almoço de confraternização, sempre concorrido, entre os seus antigos elementos, dos quais destaco S. Ex.ª o contra-almirante Lopes Alves, generais Jorge Oom, Barbieri Cardoso, comandante da Legião Portuguesa, Conde de Bobone, eng.º Álvaro Bobone, dr. João Faria Lapa, director da Caixa Geral de Depósitos, prof. Luís Reis Santos, arquitecto Benavente, etc.

A Direcção está no fim do seu biénio. O que se fez foi muito pouco, mas mais não foi possível por falta de tempo, dinheiro e colaboração, implacável triologia que não nos deixou um só momento.

Desejando melhor caça aos nossos sucessores, termino com uma saudação, muito sincera, à colaboração devotada, é o termo, ao trabalho realizado, dentro e fora da sede, pela nossa equipa de choque, bem conhecida já entre todos os companheiros.

A todos, pois, fraternais desejos de Festas Felizes, prosperidades e, querendo Deus, até para o ano.

HUMBERTO MARTINS

Esclarecendo

A modéstia deste mensário não impede — nunca impediu — a existência de uma linha de rumo que se mantém inalterável desde o primeiro número e obedece intransigentemente à ética que deve nortear toda a Imprensa, seja qual for a categoria ou divulgação do respectivo órgão.

Vivendo com muitas dificuldades, mas absolutamente independente porque é mantido só pelos seus assinantes e leitores, «Sempre Pronto» há 22 anos que se publica com a única intenção de informar com verdade esses seus leitores, servir o Escotismo, a educação cívica e a cultura da gente nova, com os olhos postos na nossa Terra, na Comunidade que temos o dever de servir.

Por muito que pese a certa gente, não estamos dispostos a alterar esta orientação. Há quem gostasse de ver repetidas nestas colunas as mesmas fantasias que faz propalar por outros meios, a fim de serem enaltecidos os seus excepcionais feitos. Não negaremos — e nunca negámos — as nossas homenagens a quem as mereça, mas não estamos dispostos a enveredar pelo caminho da lisonja. Ao apreciarmos a actual situação dos Escoteiros de Portugal, somos constrangidos a reconhecer que o Movimento tem vindo de decadência em decadência e se encontra hoje num estado de apatia, de atrofiamento, que o esbracejar de um ou de outro dirigente não consegue travar. Sobretudo, quando vimos repetirem-se os mesmos erros, insistir nos mesmos processos desacreditados, alimentar as mesmas vaidades, não podemos deixar de reconhecer que alguma coisa está podre no reino da Dinamarca.

Claro, que não pretendemos o monopólio da razão e reconhecemos que a todos assiste o direito de discutir e discordar das nossas opiniões, o que inclusivamente poderão fazer nestas mesmas colunas, desde que observem as normas da imprensa, sobretudo não ocupando mais espaço do que aquele de que nós próprios dispomos.

Mas há ainda um ponto que queremos esclarecer e não é o menos importante: Este jornal é dirigido e colaborado — sempre desinteressada e graciosamente — por diversos indivíduos — dizemos intencionalmente indivíduos — livres para expor as suas opiniões, sem outra subordinação que não seja a dos princípios acima enunciados. Cada um é Autor daquilo que escreve e assina, e disso assume inteira responsabilidade. Se não tem assinatura, essa responsabilidade cabe à Direcção. Há, porém, certas pessoas que estão tão habituadas à tutela que não conseguem compreender este clima de dignidade. Ficam fora de si se alguém ousa levantar a voz para dizer que este caminho está errado, aquela actividade falhou ou que é necessário lançar mãos de processos diferentes. Toda a crítica, por mais bem intencionada que seja, é para eles um insulto inadmissível. Ter-se-á que inventar um antibiótico *para desintoxicar o espírito de tal gente.*

Entretanto, terão de ter paciência porque não estamos dispostos a alterar o rumo de 22 anos de publicação de «Sempre Pronto», tanto mais que os acontecimentos teimam em nos dar inteira razão.

NOITE FELIZ

Povos do mundo inteiro, várias centenas de milhões, cantam hoje uma canção que se tornou o símbolo do amor ao próximo e da solenidade natalícia: a canção de Natal «*Noite Feliz*». Ninguém sabe em quantas línguas e dialetos ela foi traduzida, mas, onde quer que seja, onde vivem cristãos, canta-se hoje esta melodia. Até o presente, foram escritos 18 livros e 11 dramas; a música foi gravada e cantada por numerosos cantores, desde Richard Tauber até Elvis Presley, que a cantou de maneira singela; e mesmo o cinema valeu-se desta história.

Ambos os autores, Joseph Mohr, sacerdote-adjunto, e Xaver Gruber, professor de aldeia e organista, que a criaram no dia 24 de Dezembro de 1818, em Oberndorf-sobre-o-Salzach, ao norte da cidade de Salzburg, não chegaram a conhecer a fama de sua pequenina obra. O poeta e o compositor foram esquecidos durante muitos anos, enquanto a melodia «*Noite Feliz*» atravessava ràpidamente a fronteira austríaca. Joseph Mohr, autor dos versos, já tinha falecido há muito tempo, quando a Orquestra Real de Berlim começou a investigar a origem da canção de Natal. Diz-se que o rei Guilherme IV havia entregue este encargo ao seu mestre do concerto.

Foi no ano de 1855 que o inspector do coro do convento de S. Pedro pôde apresentar aos berlinenses o verdadeiro compositor desta canção, o organista Franz Xaver Gruber, de 67 anos de idade, que vivia na cidade das salinas de Hallein.

Descoberta casual

Ouve-se dizer que este encontro deve-se ao acaso. Entre os rapazes do coro, encontrava-se um jovem, de nome Félix Gruber, que cantava «*Stille Nacht, heilige Nacht*», de maneira inteiramente diferente dos outros. Ao envés de dó maior ele cantava em ré maior num ritmo dos seis oitavos. Quando Félix foi interrogado a esse respeito, respondeu que em casa todos cantavam assim e seu pai estaria em condições de confirmá-lo, por ser ele o autor da melodia.

O velho Gruber escreveu uma carta à Orquestra Real de Berlim, em que relatava pormenores sobre a criação desta melodia «*Noite Santa! Noite Feliz!*», incluindo uma cópia manual do texto e da melodia na versão original de Oberndorf. Esta carta de Franz Xaver Gruber vale hoje como prova de autenticidade da melodia natalícia.

Aliás, esta canção foi criada por necessidade. Justamente no dia de Natal de 1818 deixou de funcionar o órgão na velha igreja de S. Nicolau, de Oberndorf; não havia remédio, não poderia estar pronto até à Missa do Galo. O que fazer? Missa sem música teria decepcionado profundamente todos os fiéis. Nesse caso só mesmo com violão. Mas para esse instrumento não existia melodia adequada. O sacerdote-adjunto Joseph Mohr entregou ao seu amigo Gruber, na tarde do dia 24 de Dezembro, o texto da canção. À noite, estava pronta a canção para duas vozes e violão. Na Missa do Galo de 1818 foi estreada «*Noite Feliz*», que é cantada na igreja de Oberndorf todos os anos, até o presente.

Foi nessa igreja que o construtor de órgãos Carl Mauracher, do Tirol, a ouviu sete anos mais tarde e a levou consigo para sua terra, o Zillertal. De lá, ela propagou-se, por intermédio de dois célebres grupos de cancioneiros. Durante um concerto dos irmãos Strasser, de Leipzig, onde foi novamente recebida com grandes aplausos, a canção foi anotada por A. R. Friese, editada mais tarde na colecção de canções do Tirol. A partir de então, a melodia propagou-se com passos gigantescos.

Uma capelinha comemorativa, levantada no lugar da antiga igreja de S. Nicolau, em Oberndorf, vela sobre a lembrança dos dois criadores da mais linda canção natalícia do mundo. Numerosos visitantes do país e do exterior vêm anualmente, durante o tempo do Advento e do Natal, ouvir as crianças de Oberndorf cantar «*Noite Feliz*» acompanhadas do mesmo violão com que Franz Xaver Gruber estreou esta melodia. Depois das festas, o violão passa a ocupar novamente seu lugar de honra no Museu de Hallein.

AS COMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO DE DEZEMBRO

A exemplo do que tem sido feito nos anos anteriores, os escoteiros e os antigos escoteiros mais uma vez estiveram presentes nas homenagens aos Heróis da Restauração.

Assim, uma deputação dos Escoteiros de Portugal e um grupo de representantes da Fraternal dos Antigos Escoteiros reuniram-se, na manhã do 1.º de Dezembro, junto do Manumento dos Restauradores, em cuja base depuseram bonitas palmas de flores, em simples mas respeitoso preito de homenagem.

À noite, os antigos escoteiros tiveram o habitual jantar de confraternização, num restaurante da Baixa, onde foi possível reunir um concorrido grupo de companheiros em alegre ambiente de camaradagem.

«NOVIDADES»

Na pessoa de Mons. Dr. Avelino Gonçalves, felicitamos todos quantos trabalham no jornal «Novidades», que em 15 do corrente comemorou o 82.º aniversário da publicação.



O Escotismo através do Mundo

ITÁLIA

Festival Mundial do Filme Escoteiro

Conforme prometemos no último número, publicamos o regulamento deste importante Festival.

Queremos, no entanto, chamar a atenção dos interessados para o concurso do cartaz para o Festival, destinado aos escoteiros mais jovens, em que são admitidos trabalhos de pintura, de qualquer género, e até mesmo de colagens.

As produções devem estar na posse dos organizadores até o fim do próximo mês de Janeiro.

O endereço é o seguinte: VI RASSEGNA CINEMATOGRÁFICA SCOUT — *Ponte della Paglia* — VENEZIA (Itália).

É do seguinte teor o regulamento deste concurso cinematográfico:

Art. 1.° — O Secretariado das Relações Públicas das Associações Italianas de Escoteiros, com a colaboração do Comissariado Provincial de Veneza, organiza o Festival do Filme de Tema Escotista, com o fim de dar relevo aos filmes que inspiram os ideais escotistas e que fazem conhecer melhor as regras e os princípios do método escotista.

Art. 2.° — O Festival, que terá um carácter internacional, realizar-se-á, todos os anos, em Veneza, na segunda quinzena do mês de Fevereiro.

Art. 3.° — No Festival podem participar as Associações ou pessoas com um ou vários filmes, no formato de 8 ou 16 mm., ou até de 16 mm. por redução do formato de 35 mm., em branco e preto, ou em cores, mudos ou sonoros.

Art. 4.° — O Festival abrange três secções:

I) A secção profissional, na qual serão admitidos filmes apresentados por pessoas ou organismos cinematográficos.

II) A secção de filmes de amadores, na qual serão admitidos filmes realizados com uma técnica e meios de amadores.

III) A secção cultural, organizada pelo *Comité* do Festival, reservada aos filmes premiados ou mesmo distinguidos pelo júri das edições precedentes. A participação far-se-á mediante convite do próprio *Comité*.

Art. 5.° — A secção cultural da manifestação, de harmonia com o artigo anterior, tem o fim de favorecer as actividades de carácter cultural e artístico relacionadas com a cinematografia escoteira.

Art. 6.° — As secções de filmes de amadores e profissionais têm carácter competitivo e realizar-se-ão, de dois em dois anos, a partir de 1968.

Art. 7.° — A secção cultural tem carácter informativo e será realizada, de dois em dois anos, a partir de 1967.

Art. 8.° — Os filmes admitidos nas secções profissional e de amadores serão examinados por uma comissão, de cujas decisões não haverá apelo, e que tem o encargo de garantir que os filmes apresentados satisfaçam o espírito do art. 1.°. Esta comissão fará, em seguida, uma selecção dos filmes a submeter ao júri.

Art. 9.° — O júri, de cujas decisões não há apelo, será internacional.

Art. 10.° — Para as secções profissional e de amadores, o júri designará um primeiro, um segundo e um terceiro prémios por cada secção. O Júri poderá, além disso, distinguir cada secção com o GRANDE PRÉMIO FERRO DA GÔNDOLA, para o filme que tenha correspondido, de uma maneira particular e com uma perfeita linguagem cinematográfica, ao espírito expresso no art. 1.° deste regulamento.

Art. 11.° — O júri pode também atribuir prémios não previstos neste regulamento a filmes que mostrem valores particulares. Será também designado um prémio para o melhor assunto.

Art. 12.° — Aos filmes que participem na secção cultural será atribuído um diploma especial.

Art. 13.° — A cópia de um filme profissional que obtenha o GRANDE PRÉMIO FERRO DA GÔNDOLA será considerada propriedade da Cinemateca do Festival.

Art. 14.° — A secção cultural da manifestação reserva-se o direito de adquirir a cópia do filme amador que tenha obtido o GRANDE PRÉMIO.

Art. 15.° — Na eventualidade de controvérsias, em todos os casos não previstos neste regulamento, e para as derrogações, o *Comité* do Festival decidirá, sem direito a apelo.

Art. 16.° — A participação dos filmes no Festival significa plena aceitação deste regulamento.

Um oportuno inquérito de "Sempre Pronto"

— PORQUE SERÁ QUE O ESCOTISMO NÃO ATINGIU AINDA EM PORTUGAL O DESENVOLVIMENTO QUE ALCANÇOU NOUTROS PAÍSES?

— PARECE-LHE QUE SE DEVERIA TENTAR UMA MOBILIZAÇÃO DE ESFORÇOS PARA DAR INCREMENTO AOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL OU SERÁ PREFERÍVEL DEIXAR AS COISAS COMO ESTÃO?

— QUE MEDIDAS SUGERE PARA SAIR DO LETARGO EM QUE O MOVIMENTO SE ENCONTRA?

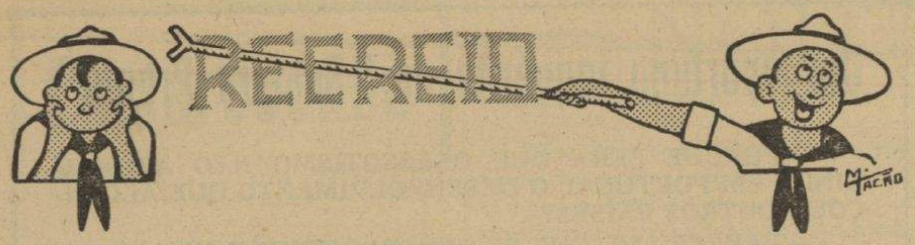
Está em pleno desenvolvimento o inquérito que «Sempre Pronto» promoveu. A exiguidade do espaço de que dispomos, não permitiu generalizá-lo a todos os nossos leitores, pelo que dirigimos convites directos a diversos amigos, tendo seleccionado dirigentes escoteiros que pelo seu conhecimento do Movimento e experiência no desempenho de cargos associativos mais poderiam contribuir para o esclarecimento do problema. Procurámos dar ao inquérito uma amplitude que permita uma conclusão tão imparcial como judiciosa, tendo consultado elementos de todos os sectores. Os Antigos Escoteiros, convidados a depor, são individualidades que conhecem bem os objectivos do Escotismo e os problemas pedagógicos. Ao mesmo tempo, dirigimo-nos a jovens, que dão agora os primeiros passos na chefia dos grupos, na esperança de que os novos tenham também uma opinião a acrescentar, uma opinião que possa interpretar mais de perto os sentimentos dos próprios rapazes.

Alguns dos elementos convidados escreveram-nos já a prometer o seu depoimento, enquanto outros ainda nada disseram, o que nos deixa a esperança de que estejam a preparar o seu estudo, que irá ser, certamente, valioso e objectivo.

Entretanto, a iniciativa despertou uma onda de interesse entre os nossos leitores, muitos dos quais afirmam a necessidade de se fazer alguma coisa para revigorar os Escoteiros de Portugal. Outros, porém, trazem-nos notícias desalentadoras sobre a situação de alguns grupos. Não se trata sòmente dos efectivos serem diminutos, mas, pior do que isso, é que o nível do escotismo praticado em certas unidades é muito baixo. Frequentemente se ouve afirmar que o Escotismo não pactua com a mediocridade, **como podemos admitir que ele se conforme com o MAU?**

Não há dúvida que o inquérito é muito oportuno e poderá habilitar os órgãos superiores do Movimento a tomar deliberações para bem dos Escoteiros de Portugal. Essa é a nossa esperança.

Aguardamos, pois, com o maior interesse os depoimentos solicitados.



AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO

O TIO FILATELISTA



O Zé Escoteiro não é, afinal, destituído de sorte. Não senhor! Sabem que ele tem um tio muito rico, de quem é o único herdeiro?

Mas — e aqui começa a infelicidade do Zé — o tio dedica as horas vagas, que são muitas, à filatelia. Sempre que o Zé aparece lá por casa, tem que ver e apreciar os selos. Ora ele não tem queda nenhuma para essa coisa de filatelia. Começa a bocejar, aborrece-se, assim que pode «raspa-se» e tão depressa não põe os pés em casa do tio.

A mãe preocupa-se muito com estas ausências e aconselha-o avisadamente:

— Olha, filho, quem não aparece esquece. Vai ver o teu tio. Precisas de estar nas «boas graças». Tem paciência, lembra-te que ele está velho. Vê os selos, finge que aprecias muito a colecção. Olha que ele, se quiser, pode deserdar-te.

A mãe tanto insistiu, que o Zé Escoteiro resolveu fazer a visita. O tio foi logo buscar os selos. Espalhou cuidadosamente em cima da mesa as últimas raridades obtidas.

— Vês este selo? É de D. Maria, vale mais de cinco contos. Este, um D. Luís, custou-me dois mil e quinhentos escudos. Este aqui é um exemplar raríssimo, por causa deste erro na palavra «correios». Tenho quem me dê por ele três contos, mas não vendo.

As valiosíssimas peças filatélicas foram desfilando perante os olhos espantados do sobrinho, que nunca imaginara poderem os selos valer assim tanto dinheiro. Estava mesmo a ficar interessado pelo assunto. O tio, sentindo o entusiasmo do rapaz, conseguia afinal sentir por ele simpatia.

O azar, porém, persegue o Zé Escoteiro. Como anda constipado, no momento em que se debruçava sobre a exposição, irrompeu, violento e traiçoeiro, um sonoro espirro. Os selos voaram subitamente em todas as direcções, deixando o velho filatelista atordoado e aflito. O selo de D Maria desapareceu entre o amontoado de móveis e bugigangas que decoram o gabinete.

— Seu estúpido! Não sabia pôr um lenço na boca? Ponha-se na rua e nunca mais aqui apareça!

As desventuras do Zé Escoteiro não têm fim...

Este nome lembra...

A medicina e a cirurgia têm feito contínuos progressos e há nomes que têm ficado célebres pelos serviços prestados a estes dois ramos da ciência. Apresentamos aqui uma lista, necessàriamente muito incompleta, de homens de ciência a quem a Humanidade muito deve e outra lista das descobertas ou estudos que os notabilizaram.

Os nossos jovens leitores serão capazes de indicar a obra que a cada um pertence?

1. Roberto Koch
2. Fleming
3. Funk
4. Egas Moniz
5. Horace Welles
6. Pasteur
7. Harvey
8. Laënnec
9. Roentgen
10. Calmette
11. Jenner
12. Roux

a. A circulação do sangue
b. A auscultação
c. A vacina
d. O tratamento da difteria
e. A vacinação preventiva da tuberculose
f. As vitaminas
g. A assepsia
h. A anestesia cirúrgica
i. A penicilina
j. Os rais X
l. A descoberta do bacilo de Koch
m. A neurocirurgia

É capaz de responder num minuto?

1 — Se três lobos matam três coelhos em três minutos, quanto tempo será preciso para 100 lobos matarem 100 coelhos?

2 — Uma camponesa tinha 17 galinhas. Morreram-lhe todas menos 9. Com quantas ficou?

3 — Tenho apenas 2 minutos para apanhar um comboio, e a estação está a 2 km. da minha residência. Se conseguir percorrer o primeiro quilómetro a velocidade de 30 km. por hora, a que velocidade terei de correr no segundo quilómetro para chegar a tempo?

Respostas

1 — Levam 3 minutos. Cada lobo leva 3 minutos para matar um coelho.

2 — Ficou com 9.

3 — Não merece a pena correr. Já perdi o comboio enquanto corria o primeiro quilómetro.

Já conhecia estas?

Com certeza que não, visto que é «Sempre Pronto» que vai divulgar, pela primeira vez, estas anedotas.

A primeira:

— Duas senhoras, mães de bébés de idade aproximada, conversam.

Diz uma:

— Ai, o meu filho é muito inteligente e está muito desenvolvido. Calcule que já começou a andar!

Diz a outra:

— E o meu? Já consegue andar ao pé coxinho!

A primeira:

— Pois o meu filho já imita o relógio a dar horas...

A outra:

— E o meu já sabe contar as horas?

Volve a primeira:

— Pois o meu filho já pronuncia uma palavra: *batata.*

Redargue a segunda:

— Pois o meu, por enquanto ainda não diz *batata.* O que ele já sabe dizer é *tubérculo*...

E agora a segunda anedota:

Conversa entre dois amigos:

— Sabes o que é que um peixe nunca diz a outro peixe?

— Não.

— Nunca diz: «*Vamos tomar banho?*». Pois se eles estão sempre dentro da água!

O canto das aves

Depois de estudos feitos em 35 espécies de aves, cujo canto foi devidamente registado em fita, verificou-se que muitas dessas aves cantam com tal rapidez que, para os ouvidos humanos, dir-se-ia só uma nota existir. No entanto, os tons distintos eram muitos. Por exemplo, numa carriça distinguiram-se nada menos de 113 tons diferentes.

Continua na pág. 7

Vai realizar-se o II Jambori Internacional de Lourenço Marques

Notícias de Lourenço Marques referem que centenas de escoteiros de todas as etnias e religiões, portugueses, africanos, rodesianos e suazis, participam em Janeiro de 1967 no segundo Jambori Internacional de Lourenço Marques.

RECREIO

Continuação da pág. 6

ANEDOTAS

— É verdade: estava para casar com aquela mulher, quando soube que ela gastava mais de 50 contos por ano na costureira.

— E você que fez?

— Casei com a costureira.

*

Dizia uma senhora a um cavalheiro seu conhecido:

— Eu cá, sempre que avisto um homem numa rua pouco iluminada, desato a correr.

— E já conseguiu apanhar algum?

ADIVINHA POPULAR

Tem barbas e não tem queixo
Este bicho montanhês;
Tem dentes e não tem boca,
Tem cabeça e não tem pés.

(alho, o 'dɐʌıuɥɐ)

Soluções do número de Julho de 1966

Quem resolve o problema?

As cordas tinham 2,25 e 0,75 metros. Tirando 0,25 metros a cada uma, a primeira fica com o comprimento superior 4 vezes ao da segunda.

Verdadeiro ou falso?

1. — Verdadeiro; mas é bem diferente das balanças que vulgarmente conhecemos! 2. — Verdadeiro. 3. — Falso; o máximo é de 6 kgs. 4. — Falso; o ouvido é mais desenvolvido. 5.º — Falso; é um pequeno roedor. 6. — Verdadeiro; o dragoeiro, por exemplo. 7. — Verdadeiro. 8. — Verdadeiro.

Escoteiros do México

pedem correspondentes Escoteiros Portugueses

Dois escoteiros do México, do Grupo n.º 5 de Puebla, desejam com muito interesse trocar correspondência com Escoteiros de Portugal e solicitam que lhes escrevam com toda a brevidade. São eles: o guia Ricardo Villanueva H., com o seguinte endereço — Priv. Tamaulipas, 7. Col. El Carmen. Puebla. México; e o guia Gustavo Núñez Bretón, Priv. Jardin Gomez Haro, 2312. Col El Carmen, Puebla, Pue. México.

Correspondência em português, respondendo em espanhol, idiomas acessíveis às duas partes.

Estamos certos que os Escoteiros de Portugal irão corresponder ao simpático apelo dos seus irmãos mexicanos.

EDIFICANDO O FUTURO

Continuação da pág. 1

graças a quem, talvez séculos atrás, se deu à tarefa de cobrir a aridez desses lugares com a doçura dos arvoredos.

Se devemos uma homenagem de gratidão aos que nos outorgaram tais bens, é mister, todavia, ultrapassar esses sentimentos, meramente passivos, e tomarmos consciência do dever que nos compete de alargar e transmitir a outrem esse imenso património. Só desta forma será possível cumprir a missão que nos está confiada: só assim preencheremos efectivamente um lugar na sociedade.

Conta-se que, após sangrenta batalha, os Espartanos lograram alcançar, para as suas armas, uma decisiva vitória. Um jovem soldado estava gravemente ferido. Sabendo que mais nada poderia esperar, escreveu numa pedra com o próprio sangue: **«Morro, mas Esparta triunfa!»**

É este espírito de heróica abnegação, esta alegria do dever cumprido, que importa gerar e desenvolver. Em cada momento a vida se esvai; em cada minuto morremos. Seja essa morte como a da semente, que traz consigo a promessa da flor. No labor do dia a dia, dêmos o nosso quinhão para um futuro quanto possível glorioso. Construamo-lo com o nosso sangue, com a própria vida, a fim de que, mercê do esforço de cada um, se alcance a mais preciosa das vitórias.

JOEL RIBEIRO

SERVIÇOS CENTRAIS

Fundo de Financiamento Escotista

O Fundo de Financiamento Escotista distribuiu uma circular em que dá conta dos resultados da sua actividade nos seus 3 anos de existência.

Nessa circular, informam os administradores deste Fundo que tencionam iniciar, no próximo ano, a amortização dos empréstimos obtidos, mas para que possa ser aumentada a existência de materiais para venda no Serviço de Material e Uniformes, é necessário conseguir-se novos financiadores que venham fornecer os capitais necessários para essas operações.

Fazem, nesse sentido, apelo aos Grupos, antigos escoteiros, Fraternal e amigos do Movimento, que assim o desejem, para enviarem os seus empréstimos em dinheiro, vale de correio ou cheque, os quais serão aplicados da maneira mais útil.

Cada cupão deste Fundo tem o valor de 50 escudos e cada pessoa pode adquirir a quantidade de cupões que desejar.

Posto de observação

Continuação da pág. 1

mundo excluiu do certame todos os brinquedos que lembrem a guerra, estabelecendo, paralelamente, entre os visitantes adultos, uma campanha dos horrores das guerras, acompanhada de frases como esta: *«evite aos seus filhos tais sofrimentos»*. No Brasil uma «Campanha de Desarmamento Infantil» alastra desde há alguns anos, dando certamente os seus preciosos frutos. Num folheto deste útil movimento, que guardo com interesse, pode ler-se esta frase sublime: *«Esta Campanha não aceita dinheiro... quer sòmente boa vontade»*.

Em Portugal creio que nada se tem feito neste sentido, salvo uma ou outra bem intencionada sugestão de que a imprensa, por vezes, se faz eco. Pode mesmo dizer-se que não há PAI NATAL que se preze que não distinga o seu contemplado com a tradicional pistola, ou mesmo com uma moderna espingarda ou metralhadora.

A atracção que sobre a criança exerce hoje o brinquedo, aumentará amanhã em relação à arma autêntica e, não raro, ela atingirá seus pais ou seus irmãos, num gesto de curiosidade muitas vezes funesto.

Afastemos a criança de tudo que sirva para identificá-la com as guerras e ajudemo-la a formar-se num espírito de paz e amor pelo seu semelhante, na esperança de que assim aumentarão os «HOMENS DE BOA VONTADE» que tornarão o Mundo mais fraterno e mais feliz.

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS.

M. G.

SEMPRE PRONTO

Número 260

Dezembro de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista



UMA FAMÍLIA FELIZ

O ar festivo da quadra do Natal entrara já na casa. O Carlos e a Isabel esforçaram-se por ajudar o pai na ornamentação do pinheirito, hàbilmente colocado a um canto da sala de jantar, carregando com alguns brinquedos já recebidos dos familiares e visitas da casa, deixando, entretanto, os locais mais destacados para as prendas que o Pai Natal deixaria na chaminé, junto dos pequenos sapatitos, na noite da Consoada, cumprindo assim as ordens que certamente lhe seriam dadas pelo Menino Jesus a premiar, como nos anos anteriores, os meninos bons.

Era assim que a mãe ensinava a ambos os pequenos, embora o Carlos conheça já outra verdade que lhe ensinaram os colegas na Escola, mas essa guarda-a apenas para si.

Terminadas as ornamentações e depois de alguns momentos de êxtase em frente da árvore cuidadosamente ornamentada, Isabel veio sentar-se, como habitualmente, no colo do pai, enquanto o Carlos se sentava no pequeno banco em frente, ambos à espera da habitual história ao serão.

— Pai, conta-nos mais uma história sobre o Natal — pediu a pequenita Isabel.

— Pois seja, mas é uma história diferente da de ontem, onde não entraram pastores nem cordeirinhos. Chamemos-lhe, talvez, «o Natal de uma família feliz».

«Quando eu era ainda menino, conheci uma família muito pobre mas feliz, pois todos eram muito amigos. O pai, modesto operário, trabalhava duramente de dia e de noite para grangear o sustento dos seus sete filhos.

«A sua festa de Natal era modesta, mas agradava a todos, porque todos se sentiam unidos naquele Dia e cheios de esperança nos dias que haviam de vir.

«Os seus brinquedos eram modestos também, os mais modestos talvez de entre os toscos brinquedos de madeira e folha que se faziam nesse tempo.

«Alguns anos passaram. Os filhos cresceram. O mais velho deixou de pensar em brinquedos, trabalhando para ajudar os pais. A vida para ele começou a ser dura também. Mas ele gostava da sua família e do seu Natal.

«O sentimento de fraternidade que esta quadra inspira encheu um coração bom e os mais pequenitos passaram a exibir, perante a surpresa e inveja dos companheiros, os melhores e mais resistentes brinquedos que o Pai Natal deixava nas chaminés do bairro.

«Mas talvez só o Pai Natal soubesse que noites a fio, em algumas horas roubadas ao descanso merecido por um dia de trabalho, um jovem trabalhava silenciosamente, executando, com amor e arte, belos brinquedos que haviam de satisfazer a tempo a encomenda que lhe confiara o Menino Jesus.

«A Isabel dormitava já e mal ouvira as últimas palavras, mas o Carlos escutara tudo com atenção e, olhar perspicaz, não lhe passaram despercebidas duas lágrimas que brilhavam teimosamente nos olhos do pai.

«— Mas tens lágrimas nos olhos, pai!

«— São de gratidão, meu filho, por esse irmão mais velho que soube sacrificar-se para tornar felizes seus pequeninos irmãos, lição que jamais esquecerei de quanto de amor e ternura encerra essa palavra mágica: NATAL.

Lobo Feroz



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Ideal Escotista

... A Lei do Escoteiro contém toda a força motora do sistema escotista e a prática da bondade ou outras boas qualidades dum Grupo dependerá de quantos maiores e mais prósperos forem os esforços dos seus escoteiros em manter sempre o idealismo do Movimento no conhecimento conscienciosо de todos os seus membros.

Mas a coisa mais difícil deste mundo é «ensinar» ideais. Os ideais irradiam fortemente das vidas e acções de quem apele para os jovens e, então, o método da história tem um valor inestimável.

Devemos evitar ter a impressão de que a Lei do Escoteiro não é uma lei no sentido vulgar da palavra. Não há nela qualquer simples proibição sugerida: «*tu não farás*» ou «*tu farás*» não aparece. O simples é percorre-a como por encanto e os seus dez artigos representam nem mais nem menos o que deveria ser o perfeito Escoteiro. Um outro grande ponto acerca da Promessa é a de que um rapaz a aceita sòmente se quiser e o sentido do seu esforço para o ideal é acentuado pela forma da sua Promessa, a qual não o obriga a guardar a lei, mas a «fazer o seu melhor».

É bastante importante para cada Chefe tornar claro ao rapaz o que a Promessa significa, de forma que ele mesmo veja qual a pretensão. Este princípio, expresso em poucas palavras, aparece para encaminhar o rapaz a viver para os outros em vez de para si, bem como a dar o melhor que puder às pessoas com as quais viva ou lide e, se o fizer com ordem e zelo, obterá, por experiência, conhecimentos de muitas coisas que jamais tinha pensado em aprender, tornando-se, dessa maneira, um cidadão prestimoso.